

## **“Vale a pena!” (2): Bendito aquele que confia no Senhor**

A Sagrada Escritura não nos dá uma resposta teórica sobre a fidelidade, mas indica-nos quem é fiel.

06/09/2022

«*Hi-fi*»: esta é uma das características fundamentais que esperamos de um dispositivo para ouvir música. A *high fidelity*, alta fidelidade, é garantia de que o som que se reproduz se aproxima muito do original. O

objetivo, tanto de quem reproduz como de quem escuta, é poder ter contacto com o som inicial, com a primeira gravação, sem a alterar. A fidelidade é entendida como exatidão, como a capacidade de manter algo intacto.

No entanto, na cultura do antigo Médio Oriente, onde teve lugar a revelação de Deus ao povo de Israel, a maneira de compreender a fidelidade tem algumas nuances diferentes. A fidelidade não se associa à precisão, mas a outros aspetos como a solidez, a estabilidade ou a permanência ao longo do tempo; a confiabilidade, a lealdade e a veracidade. E, na linguagem bíblica, a fidelidade também está estreitamente vinculada à misericórdia paternal de Deus, um âmbito em que não faz muito sentido falar de exatidão.

**Não como os outros deuses**

Se procurarmos na Sagrada Escritura uma definição completa de fidelidade, não a encontraremos. Pelo contrário, se consultarmos os livros sagrados perguntando-nos sobre quem é fiel, tanto o Antigo como o Novo Testamento respondem-nos de maneira categórica: fiel é Deus (cf. Dt 32, 4; 1Cor 1, 9; 1Ts 5, 24 e outros). Mas, o que quer dizer que Deus é fiel? Porque é que a Bíblia sublinha tanto a fidelidade do Senhor?

Por um lado, o Deus de Israel é fiel em contraste com os deuses dos povos vizinhos. «Deus é o fundamento da esperança, não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim»<sup>[1]</sup>. Os mitos pagãos mostram-nos deuses que se comportam de forma volúvel e caprichosa; umas vezes são bons, outras vezes são maus... Nunca se sabe como vão reagir, de modo que

não é sensato confiar neles. No Egito e na Mesopotâmia, por exemplo, era frequente representar os deuses com forma de touro, leão, águia, dragão ou de outros animais. O culto a estas divindades estava impregnado de atitudes que se assemelham ao que faríamos diante de um animal ameaçador: satisfazer a sua fome, acalmar a sua cólera ou simplesmente não interromper o seu descanso.

Não é assim que sucede em Israel. A lei mosaica proíbe representar o Senhor com figuras de qualquer tipo (cf. Ex 20, 4; Lv 19, 4). O Deus de Israel aceita sacrifícios e oferendas, mas não o faz por ter necessidade ou por o seu ânimo depender disso (cf. Sl 50, 7-15; Dt 14, 1-27). Que o Senhor seja fiel, em contraste com os falsos deuses, significa que não é caprichoso nem inconstante; significa que podemos intuir, de alguma forma, como vai atuar. Ao

mesmo tempo, esta fidelidade não implica que o Senhor siga um padrão uniforme de conduta ou que o seu modo de intervir na história seja repetitivo. Deus é livre, transcendente e soberano, é «todo o movimento, toda a beleza e toda a grandeza»<sup>[2]</sup> e como tal a sua fidelidade à aliança não exclui a novidade (cf. Is 43, 16-19). Pela boca do profeta Isaías, o Senhor adverte-nos de que nos pode surpreender ou desconcertar: «Os meus planos não são os vossos planos, os vossos caminhos não são os meus caminhos – oráculo do Senhor –. Tanto quanto os céus estão acima da terra, assim os meus caminhos são mais altos que os vossos, e os meus planos, mais altos que os vossos planos» (Is 55, 8-9). Deus salva uma vez e outra o seu povo, mas não o faz sempre da maneira que o seu povo espera. «Ele pode sempre, com a sua novidade, renovar a nossa vida e a nossa comunidade (...), ainda que achesse

períodos obscuros e fraquezas eclesiais, a proposta cristã nunca envelhece»<sup>[3]</sup>.

Além dessa diferença, um desvio frequente da relação dos homens com Deus é o de querer controlá-lo ou usá-lo ao nosso critério. Por isso, a adivinhação e outras práticas semelhantes estavam severamente proibidas em Israel (cf. Lv 19, 26.31). Que Deus seja fiel à sua palavra não quer dizer que a sua maneira de se comportar seja sempre idêntica e, portanto, previsível e controlável por parte dos homens. Podemos estar certos de que nunca deixará de nos amar, apesar de muitas vezes não sabermos como se vai manifestar este amor. A sua lógica excede sempre a nossa. Por vezes pode dar-nos mais do que tinha prometido ou pode cumprir uma profecia de uma forma inusitada. A fidelidade, em particular a de Deus, «não tem nada

de estéril nem de estático; é criativa»<sup>[4]</sup>.

## **Um Deus «rico em misericórdia e fidelidade»**

A Bíblia afirma que o Senhor é fiel, em contraste com os falsos deuses dos povos vizinhos; apesar de, na realidade, o texto sagrado o afirmar sobretudo em contraste com os seres humanos: «O Esplendor de Israel não mente nem se arrepende, pois não é um homem para se arrepender» (1Sm 15, 29). Ao contrário daquilo que constatamos pela nossa experiência humana habitual, o Senhor diz sempre a verdade; não se retrata das suas promessas: «Deus não é homem para mentir; um ser humano que procure consolação. Porventura Ele diz e não faz? Promete e não cumpre?» (Nm 23, 19). Só Deus é absolutamente firme e confiável; só junto a Ele se pode construir com a segurança de

não ficar defraudado. Por isso, «enquanto tudo é passageiro e mutável, a Palavra do Senhor não é passageira. Se as vicissitudes da vida nos fazem sentir desorientados e todas as certezas parecem abaladas, temos uma bússola para encontrar a orientação, temos uma âncora para não ir à deriva»<sup>[5]</sup>.

Conta o livro do Êxodo que, depois do pecado do bezerro de ouro, Deus renovou a aliança com o seu povo no monte Sinai. Antes de entregar a Moisés pela segunda vez as tábuas da lei, Deus passou em frente dele e exclamou: «Senhor! Senhor! Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade» (Ex 34, 6). Estas palavras costumam ser consideradas como uma segunda revelação do nome de Deus, depois da que tinha acontecido um tempo antes, também com Moisés. Encontramos esta descrição de como é Deus repetida, com

pequenas variantes, em outras sete passagens, em diversos livros do Antigo Testamento<sup>[6]</sup>. Por isso diz S. Josemaria: «Se lerdes as Santas Escrituras, descobrireis constantemente a presença da misericórdia de Deus (...). Que segurança deve produzir-nos a comiseração do Senhor!»<sup>[7]</sup>.

No entanto, Israel sabe que o seu Senhor é compassivo e fiel não apenas porque o tenha dito a Moisés no Sinai, mas sobretudo porque o povo o comprovou na sua própria história, na sua própria pele. Deus manifestou a sua fidelidade não apenas declarando-a, mas revelando-a nas suas obras. «Senhor, Tu és o meu Deus. Exaltar-te-ei e celebrarei o teu nome, porque realizaste maravilhas, projetos antigos, firmes e seguros», diz o profeta Isaías (Is 25, 1). Israel é testemunha, uma e outra vez, de que a misericórdia de Deus não desaparece perante as

infidelidades humanas. «O Senhor é bom! O seu amor é eterno! É eterna a sua fidelidade» (Sl 100, 5), canta o salmista. «Hei de cantar para sempre o amor do Senhor; a todas as gerações anunciarei a sua fidelidade» (Sl 89, 2).

No *Magnificat*, Santa Maria expressa também este modo de ser de Deus, tão claro para quem se aproxima da história sagrada. A mãe de Jesus glorifica Deus por ter posto os olhos na sua humildade, por ter feito n'Ela maravilhas, «lembrando a sua misericórdia, como tinha prometido aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre» (Lc 1, 54-55). Dizia S. João Paulo II que este cântico «é verdadeiramente teológico porque revela a experiência do rosto de Deus feita por Maria»; no *Magnificat* «Deus não só é o Poderoso, para Quem nada é impossível, como tinha declarado Gabriel (cf. Lc 1, 37), mas também é o

Misericordioso, capaz de ternura e fidelidade para com todo o ser humano»<sup>[8]</sup>.

## **Jesus é o cumprimento das promessas**

A fidelidade é um atributo que define Deus na sua relação com os homens, especialmente com o seu povo em virtude da aliança. Para descrever a força desta aliança, os profetas recorrem a algumas imagens. Uma delas é a do matrimónio, que encontramos desenvolvida sobretudo nos livros de Oseias, Jeremias e Ezequiel. Esta imagem salienta a misericórdia do Senhor que está disposto a perdoar e a restabelecer a aliança apesar das repetidas infidelidades de Israel. Outra imagem é a da paternidade e maternidade. O livro de Isaías utiliza-a várias vezes, de maneira comovente, para sublinhar como Deus não abandonará nunca o seu

povo: «Sião dizia: “O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se de mim”. Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos» (Is 49, 14-16).

Jesus recolhe toda esta herança de fidelidade e de misericórdia, expressa no Antigo Testamento, para revelar a continuação dessa ação divina na sua pessoa. Assim, por exemplo, faz-se eco daquele oráculo em que Isaías nos recordava que Deus nunca nos esquece: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintainhos sob as asas, e tu não quiseste» (Mt 23, 37). Jesus Cristo fica triste com a rebeldia dos homens, a

sua dureza de coração, perante a insistência – a fidelidade – do amor de Deus.

Também, inspirando-se num trecho do profeta Isaías que apresenta Israel como a vinha do Senhor (cf. Is 5, 7), Jesus resume a história da fidelidade de Deus perante a infidelidade humana com a parábola dos vinhateiros homicidas (cf. Mc 12, 1-12). Depois de sucessivas tentativas, através de vários servos, para receber os frutos que lhe correspondiam, o dono da vinha decide enviar o seu filho, como último recurso. Mas os vinhateiros matam-no. Da mesma maneira, a vinda de Jesus, o Filho único de Deus, e a sua morte na cruz levam «até ao extremo» a fidelidade e misericórdia do Deus de Israel (cf. Jo 13, 1). Depois de O enviar para que morresse por nós e de elevar a sua humanidade ressuscitada sobre toda a criação,

Deus já não pode fazer nada de maior (cf. Heb 1, 1-4).

Na sua pregação do Evangelho, os apóstolos mostram uma viva consciência de que o mistério pascal de Cristo – a sua paixão, morte e ressurreição – é precisamente o cumprimento da fidelidade de Deus às suas antigas promessas. Jesus é «o Ámen, a testemunha fiel e verdadeira» (Ap 3, 14), diz-nos o livro do Apocalipse. Na segunda carta de S. Paulo aos Coríntios, encontramos a declaração mais explícita a este respeito: «Mas Deus é testemunha de que a nossa palavra dirigida a vós não é “sim” e “não”. Pois o Filho de Deus, Jesus Cristo, aquele que foi por nós anunciado entre vós, por mim, por Silvano e por Timóteo, não foi um “sim” e um “não”, mas unicamente um “sim”» (2Cor 1, 18-20). Esta convicção passou para a fé da Igreja que proclamou constantemente Jesus como o fiel

cumprimento de tudo quanto Deus tinha prometido (cf. 1Cor 15, 3-4).

## **Se não somos fiéis, ele permanece fiel**

Numa passagem da Carta aos Romanos, S. Paulo fala daqueles que não acreditaram em Cristo durante a sua passagem pela terra, e põe o foco na grandeza do Senhor: «Irá, porventura, a infidelidade deles anular a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma!» (Rm 3, 3-4). Em Deus podemos pôr a nossa confiança de maneira plena. «Uns confiam nos seus carros, outros nos cavalos; nós, porém, confiamos no Senhor, nosso Deus» (Sl 20, 8), diz o salmista. «Pois quem é Deus senão o Senhor? Quem é um rochedo, senão o nosso Deus?» (2Sm 22, 32), diz o Rei David. Só de Deus se pode afirmar que é o Rochedo onde apoiar-se sem medo e procurar proteção. A aplicação a Deus do termo «Rochedo» é tão

frequente no Antigo Testamento<sup>[9]</sup>  
que às vezes se diz simplesmente «o  
Rochedo» e se entende que se está a  
falar d'Ele.

Ao insistir na fidelidade de Deus, em  
contraste com a inconstância dos  
homens, pode parecer que a Sagrada  
Escritura não deixa muito espaço à  
fidelidade humana. Mas mais do que  
de uma visão pessimista sobre as  
nossas forças, trata-se de uma  
afirmação realista e profunda sobre  
a nossa pequenez perante o seu  
poder. Assim se compreende melhor  
este duro oráculo transmitido por  
Jeremias: «Isto diz o Senhor: maldito  
aquele que confia no homem e conta  
somente com a força humana,  
afastando o seu coração do Senhor.  
Assemelha-se ao cardo do deserto;  
mesmo que lhe venha algum bem,  
não o sente, pois habita na secura do  
deserto, numa terra salobra, onde  
ninguém mora. Bendito o homem  
que confia no Senhor, que tem no

Senhor a sua esperança. É como a árvore plantada perto da água, a qual estende as raízes para a corrente; não teme quando vem o calor, e a sua folhagem fica sempre verdejante. Não a inquieta a seca de um ano e não deixará de dar fruto» (Jr 17, 5-8).

A lição que advém desta passagem, como de outras, é de que o ser humano não pode ser fiel no mesmo sentido em que Deus o é. A resposta humana à fidelidade do Senhor não é uma conduta irrepreensível, sem fissuras, mas é a fé (cf. Gn 15, 6; Heb 11, 1). De facto, em hebraico utiliza-se o mesmo verbo para dizer que Deus é fiel e para dizer que um homem crê n'Ele. O Novo Testamento chama «fiéis» àqueles que acreditam em Jesus Cristo e O seguem (cf. At 10, 45). Aquilo que o Senhor espera de nós não é que sejamos firmes e sólidos como Ele, o que seria impossível, mas que depositemos

n'Ele toda a nossa confiança, como o fez Maria e como o fizeram os santos, «porque aquele que fez a promessa é fiel» (Heb 10, 23). E, sobretudo, o Senhor quer que reconheçamos as nossas ofensas e lhe peçamos perdão. «Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós próprios e a verdade não está em nós – refere a primeira carta de S. João –. Se confessamos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a iniquidade” (1Jo 1, 8-9). Apesar de sermos pecadores, o Senhor nunca nos deixa sós. «Se formos infiéis, Ele permanece fiel, pois não pode negar-se a si mesmo» (2Tm 2, 13).

«A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Deus, fiel à sua palavra, fiel à sua promessa»<sup>[10]</sup>. Por isso, «a fé na fidelidade divina dá força à nossa esperança, apesar de que a nossa debilidade pessoal nos leve por vezes

a não sermos totalmente fiéis, em pequenas coisas e, talvez nalguma ocasião, nas grandes. Desse modo, a fidelidade consiste em percorrer – com a graça de Deus – o caminho do filho pródigo»<sup>[11]</sup>. O importante é voltar sempre a quem cumpre a promessa, regressar com fé ao Rochedo que nos espera sempre.

---

[1] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 31.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 190.

[3] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 11.

[4] Bento XVI, Homilia, 12/09/2009.

[5] Bento XVI, Angelus, 12/12/2010.

[6] cf. Nm 14, 17-18; Dt 7, 9-10; Sl 86, 15; 145, 8; Jl 2, 13; Jn 4, 2 e Na 1, 3.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 7.

[8] S. João Paulo II, Audiência, 06/11/1996.

[9] cf., por exemplo, Dt 32, 4; 1Sm 2, 2; 2Sm 22, 2; Sl 19, 15; 28, 1; 71, 3; Is 17, 10; Hab 1, 12; e outros.

[10] Francisco, Homilia, 15/04/2020.

[11] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022.

Juan Carlos Ossandón

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente a partir de [https://  
opusdei.org/pt-pt/article/vale-a-pena-ii-  
bendito-aquele-que-confia-no-senhor/](https://opusdei.org/pt-pt/article/vale-a-pena-ii-bendito-aquele-que-confia-no-senhor/)  
(13/02/2026)